

A BONDADE DE DEUS E O SOFRIMENTO DE JÓ:

Breve análise do dilema humano

Esp. Christiane Rufino¹

Me. Patrícia dos Santos Oga²

RESUMO

A pesquisa a seguir tem o intuito de fazer algumas considerações acerca do sofrimento, tendo como base, e de maneira sucinta, as calamidades vividas pelo personagem bíblico Jó, oportunizando um novo olhar sobre as circunstâncias difíceis e/ou inaceitáveis que acometem o ser humano. Para tanto, será apresentada uma pesquisa bibliográfica, em que alguns autores darão respaldo ao tema a fim de endossar o assunto, bem como o relato de experiências reais descritas por pessoas que encontraram, após um período de tribulações em suas vidas, o amor de um Deus que não dá às costas aos Seus filhos. Tal estudo ressaltará, também, aspectos concernentes às lições ensinadas pelo sofrimento, no sentido de esclarecer que este não é um fim em si mesmo, mas que apresenta, implicitamente, o desejo do Senhor em amadurecer a fé e estreitar os laços com Sua criação, além de permitir a identificação com o próximo. Por fim, destacará a importância do aconselhamento durante esse processo, no que tange ao ouvir o outro, analisar pessoalmente sua situação e demonstrar amor e interesse por suas necessidades.

PALAVRAS-CHAVE: Sofrimento; Jó; Deus; Bondade; Aconselhamento.

ABSTRACT

The following research is intended to make some considerations about suffering, based on succinctly the calamities experienced by the biblical character Job, giving a new look at the difficult and / or unacceptable circumstances that affect the human being. To do so, a bibliographical research will be presented, in which some authors will support the theme in order to endorse the subject, as well as the report of real experiences described by people who, after a period of tribulations in their lives, found the love of a God who does not turn away from His children. This study will also emphasize aspects concerning the lessons taught by suffering in order to clarify that this is not an end in itself but implicitly presents the Lord's desire to mature faith and to strengthen the bonds with His creation, besides allowing identification with others. Finally, it will emphasize the importance of counseling during this process, when it comes to listening to others, personally analyzing their situation and showing love and interest for their needs.

KEYWORDS: Suffering; Job; God; Goodness; Counseling.

INTRODUÇÃO

A presente obra tem como objetivo conduzir o leitor a uma reflexão acerca do sofrimento, a partir da situação vivida pelo personagem Jó, considerando o questionamento humano frente a isso. Como abordado por Plácido (2010), em momentos de aflição surge a seguinte dúvida: “[...] Se Deus existe, se é Onipotente e é

¹ Bacharel em Teologia (SEMIB), especialista em Aconselhamento e Gestão de Pessoas (FATEBE). E-mail: chrisruffato@gmail.com

² Professora Mestre em Letras Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), especialista em Desenvolvimento Editorial pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa e Extensão (IBPEX) do Centro universitário UNINTER. E-mail: profs_patricia@yahoo.com.br.

inteiramente bom, por que, então, permite o sofrimento?” (p. 11).

Diferente da filosofia difundida pela sociedade, que propaga o utilitarismo dos relacionamentos, o livro de Jó apresenta a escolha de um homem em permanecer fiel a Deus, ainda que Este lhe privasse de seus bens particulares, sua família e sua saúde. As lições no fim do livro de Jó expressou sua esperança a despeito do sofrimento, produzindo, assim, uma resposta favorável a essa fase da vida, como cita Yancey (1988): “Com Jó, depois de todo o seu sofrimento, Deus agiu à altura”. (p. 31).

Esse artigo pretende contribuir para uma observação sobre o aspecto didático das provações, a partir da confiança absoluta no Deus de bondade, cujo propósito é oferecer sempre o melhor àqueles a quem criou e a quem escolheu para ser alvo de Seu amor. Assim, os relatos reais de experiências descritas neste trabalho têm por finalidade demonstrar que as tragédias vividas por Jó são suscetíveis a todo e qualquer ser humano, em maior ou menor escala, e como a presença de um conselheiro torna-se importante e necessária durante tal processo, no sentido de ajudar o indivíduo no enfrentamento das situações aparentemente desesperadoras.

1. O JUSTO E O SOFRIMENTO

A história de Jó é contada a partir do relacionamento de um homem bom e fiel ao seu Criador, sendo submetido a um teste de sobrevivência para provar que, a despeito das tragédias, ele permaneceria confiando em Deus e na Sua intervenção. Allen, House e Radmacher (2010), esclarecem:

[...] O livro de Jó registra os questionamentos perturbadores, as dúvidas aterrorizantes e a angústia verdadeira experimentados por alguém que estava sofrendo. Mas não somente isso. Sua mensagem pode nos ajudar nos momentos em que estamos cercados de problemas, pois nos faz ter uma idéia da perspectiva divina do sofrimento. (ALLEN, HOUSE & RADMACHER, 2010, p. 781.)

Jó é um dos personagens mais peculiares mencionados nas Escrituras. A Bíblia diz que ele “era um homem íntegro e justo; temia a Deus e evitava fazer o mal” (Jó 1.1, NVI). Alguém que, indiscutivelmente, era fiel a Deus e o agradava em sua conduta. Possuía também muitas riquezas, de sorte que é citado como “o homem mais rico do Oriente”. (Jó 1.1, NVI).

Todavia, sua conduta moral exemplar e obediência a Deus não o pouparam de experimentar uma sucessão de tragédias, que contou com a perda de seus bens materiais, de membros da família e de sua saúde. Em questão de pouco tempo, Jó

presencia sua vida desmoronar, em todos os sentidos.

Devido a tais contratemplos, os amigos começam a duvidar de seu comportamento em relação a Deus: sendo Jó uma pessoa boa e justa, qual seria o motivo para tamanho sofrimento? Estaria sendo imputado a ele algum tipo de castigo? Essa série de infortúnios iria tratar-se de uma paga por seus pecados não confessados?

No Antigo Testamento era comum o indivíduo ser julgado e criticado pelos demais ao perder seus bens e propriedades, devido à cultura vigente da época. Para o provedor da casa, consistia em situação humilhante perder suas posses, o que, segundo os israelitas, tinha relação direta com a vontade de Deus:

[...] Quando, então, sobrevém a desgraça, as posses são destruídas e se perde a propriedade, põe-se logo em dúvida a vontade abençoadora de Deus, sua assistência e presença. A perda e a ameaça à vida daí recorrente tornam-se um problema de fé. [...] A pobreza constitui, pois um sinal de abandono de Deus. [...] (GERSTENBERGER; SCHRAGE, 2007, p. 26)

Segundo Aguiar (2005), no período em que o livro foi escrito, muitos não criam que os justos poderiam sofrer, mesmo que fosse por pouco tempo. Menos ainda se estivessem enfrentando alguma doença grave ou perdas irreparáveis. Caso isso acontecesse, tal sofrimento seria interpretado como uma recompensa pelas más atitudes de cada indivíduo, no sentido de que estaria colhendo aquilo que havia plantado. Esse pensamento era conhecido como “doutrina da retribuição” (p.12).

Contudo, Jó distava de um modelo pecaminoso. Não havia motivo aparente para Deus puni-lo dessa maneira. Tais acontecimentos poderiam levá-lo a questionar as razões para tamanha desgraça. Mas, a princípio, ele não fez isso. Ao contrário, depositou no Senhor sua total confiança, sem maiores indagações.

Sabe-se, pois, que as coisas nem sempre são dessa maneira. É difícil encontrar alguém que entregue a Deus dias ou anos de sua vida e que, no momento em que é vitimado por alguma calamidade, não seja levado a interrogar o Senhor, a cobrar de Deus uma explicação. Mesquita (1979) menciona: “[...] Aqui vem outra pergunta pertinente a todos nós: ‘Será Deus insensível ao sofrimento humano?’” (p. 51). Numa primeira instância, é praticamente impossível crer que um Ser amoroso e perfeito permita que algo ruim como o sofrimento aconteça, em suas mais variadas formas.

Ainda que os amigos de Jó quisessem, a princípio, vê-lo livre daquela situação, fazendo alguma coisa para aliviar seu sofrimento, eles esqueceram-se de

perguntar ao Senhor qual era a Sua vontade. Não sabiam que tais tragédias faziam parte dos planos de Deus, e que Satanás fora usado para demonstrar a glória divina, que se revelaria pós-tribulação.

1.1. Tudo Sob Controle

Surge então a fase dos questionamentos. Em meio a tudo, a ocasião aparentemente indefinida desestrutura Jó. Por maior que fosse sua dependência do Senhor, diante das constantes indagações dos seus amigos, e do silêncio de Deus, ele titubeia, abrindo espaço para a dúvida em seu coração. “Clamo a ti, mas não me respondes. Fico em pé, mas apenas olhas para mim.” (Jó 30:20, NVI).

Nesse sentido, Yancey (1998) afirma:

Por mais que eu resista, sou levado a tal conclusão pelo livro de Jó: por que a vida é tão injusta? Quando Deus provoca o sofrimento, e quando simplesmente o permite- e qual é a diferença? Por que parece que algumas vezes Deus está calado e algumas vezes está íntimo e chegado? Quando Deus teve a oportunidade perfeita para resolver definitivamente essas e outras questões, fez carranca e meneou a cabeça. Por que ter o trabalho de explicar? Possivelmente, nem Jó nem qualquer outro ser humano conseguiriam entender. (YANCEY, 1988, p. 189).

Sob essa perspectiva, Rosa (1996) salienta que o comportamento de Jó naquele momento seria natural a todo e qualquer ser humano que estivesse enfrentando as mesmas provações, podendo desencadear uma crise em suas crenças e tendo sua confiança em Deus abalada, uma vez que notava muitos blasfemos e desonestos prosperando, enquanto alguém justo como ele padecia.

O silêncio do Senhor em meio ao caos, muitas vezes, dá margem para que a incerteza se apodere do coração humano. A visão de um Pai que cuida, ama, protege e visa sempre o bem fica distorcida, tanto para quem está vivenciando a situação, quanto para os que estão ao seu redor.

A finitude da mente humana é incapaz de compreender os desígnios do Senhor, ainda que sua aspiração concentre-se em encontrar explicações para tudo o que acontece, no seu tempo e do seu jeito. “[...] O que escraviza o ser humano é a sua permanente pretensão de ser como Deus, e isto ele faz quando tenta determinar o agir de Deus como se fosse o próprio Deus.” (SOUZA, 2002, p. 45).

Contudo, ainda que Deus pareça distante ou indiferente à situação catastrófica, Ele continua presente e atuando, no sentido de colocar tudo em seu devido lugar. O livro de Jó deixa isso claro quando enfatiza a soberania e a

onipotência divina ao longo de todo o enredo. “Por exemplo, o nome divino hebraico *El Shadday*, geralmente traduzido como Todo Poderoso, é utilizado por todos os personagens do livro”. (ALLEN, HOUSE & RADMACHER, 2010, p. 782).

Vencido o período de infortúnios, Jó admite que seu conhecimento em relação ao Senhor era superficial, uma vez que “meus ouvidos ouviram falar a teu respeito [...]” (Jó 42.5, NVI), mas quando Deus falou com ele “o convenceu de que podia confiar naquele que tem o domínio dos céus e da terra [...]” (MESQUITA, 1979, p. 208).

Portanto, não compete ao homem julgar os desígnios divinos. O Criador deste mundo tem o controle absoluto de toda e qualquer situação, e certamente Ele estará trabalhando em meio às circunstâncias, para proporcionar, no fim das contas, o melhor aos Seus.

1.2. Perdas e Ganhos

Jó vivenciou experiências confrontadoras enquanto lidou com o sofrimento. Pontuando os acontecimentos, cabe dizer que experimentou muitas perdas, de bens materiais e de entes queridos à saúde física e emocional, bem como o respeito e a admiração de seus amigos. Braümer (1999) assegura que Jó perdera, em meio a tudo, até mesmo sua identidade pessoal, questionando a si mesmo sobre quem de fato era: o homem bom e temente a Deus ou um malfeitor que deveria receber a devida punição por seus erros.

Mesmo diante dos conflitos resultantes da ocasião, ele não exigiu seus direitos ou blasfemou contra Deus, em razão do que lhe sucedia. Apesar do surgimento de alguns questionamentos, decorrentes de suas agruras, ele não abandonou ao Senhor ou tentou barganhar, no sentido de servi-Lo apenas mediante a restituição de seus bens.

Em contrapartida, a teologia da prosperidade propõe um evangelho de facilidades e ganhos. Tendo início nos Estados Unidos, e trazida ao Brasil na década de 1980, seus ensinamentos fundamentam-se na confissão das vontades do homem e na obtenção delas, podendo controlar o mundo material por meio do poder da mente, a fim de reivindicar os benefícios advindos da salvação. Isentando seus adeptos do sofrimento, Matos (2008) afirma que essa linha de pensamento “é danosa para a integridade do evangelho” (s/p) e que as igrejas que dela fazem uso sustentam os valores de uma sociedade secular, que preza por *status* e sucesso. Isso gera uma

ideia falsa sobre o cristianismo, levando muitos a desistirem de sua fé quando suas súplicas não são atendidas, ou se deparam com problemas complexos.

Para os que almejam uma vida cristã pautada apenas nas vantagens por ela oferecidas, a história de Jó pode ser vista como um capítulo à parte, do qual não se deve fazer menção. Contudo, o próprio Cristo alerta nas Escrituras que este mundo não privaria o homem de tribulações, e que não se deve fugir do sofrimento, uma vez que ele está incluso na formação da identidade cristã: “Qual a vantagem de conquistar tudo o que se deseja, mas perder a si mesmo? O que vocês teriam para dar em troca de sua alma?” (Mateus 16:26, BLC).

Fugindo à pretensão de um relacionamento utilitário, Jó suportou com paciência as aflições que apareceram em seu caminho, na certeza de que sua intimidade e compromisso com Deus eram mais importantes que seus bens materiais. Sua decisão de permanecer fiel frente às adversidades mostra que, na lógica do Reino, a perda resulta em ganho, pois, devido à sua conduta, recebeu em dobro tudo o que lhe havia sido tirado.

Dessa forma, Jó deixa um legado para a posteridade. Desbancando as acusações de Satanás, que alegavam ser ele fiel ao Senhor por causa de suas riquezas, Jó prova que seu amor por Deus era pessoal, não material: “Ele suportou um sofrimento que não merecia, fato que demonstra estar profundamente interessado num amor oferecido com liberdade.” (YANCEY, 1977, p. 216).

2. O SOFRIMENTO NOS DIAS ATUAIS

Algumas experiências vividas por pessoas que passaram pela organização não-governamental Projeto Vida serão relatadas neste artigo na intenção de traçar um paralelo entre as vicissitudes da vida e o período de turbulência sofrido pelo personagem bíblico em questão.

Com aproximadamente 17 anos de atuação, a ONG Vida Promoção Social, mais conhecida como Projeto Vida, realiza inúmeras atividades na cidade de Curitiba, região metropolitana, e por todo o Brasil. Preocupada com o indivíduo, atua no sentido de capacitar voluntários para trabalhar com missões urbanas, na intenção de atender algumas das necessidades físicas, sociais e espirituais que são apresentadas de imediato.

Um dos focos do voluntariado é levar, por meio das artes cênicas, valores éticos, educação e cultura às escolas da rede de ensino. Nesse sentido, abordam temas como prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, o aborto, a gravidez na adolescência, drogas e *bullying*, alcançando crianças, jovens e adolescentes, com uma linguagem apropriada para cada faixa etária.

Outra área de abrangência do Projeto Vida é a de assistência social. No atendimento de comunidades carentes, que acontece geralmente aos finais de semana, são oferecidos, de forma gratuita, serviços como: controle da pressão arterial, corte de cabelo, recreação infantil, com distribuição de algodão doce, e a orientação familiar. Durante os atendimentos familiares, realizados em um local à parte, os voluntários se dispõem a ouvir e aconselhar quem ali se achega, deixando sempre palavras vindas da parte de Deus para confortar, encorajar e dar esperança aos aflitos de coração.

A seguir serão descritas quatro histórias verídicas, cuja seleção levou em conta o atendimento pessoal de cada indivíduo, durante as sessões de aconselhamento familiar, bem como a complexidade dos relatos iniciais e o desfecho positivo de cada situação, conhecidos subsequentemente a tais atendimentos. Os fatos inseridos no texto foram ouvidos, respectivamente, nas cidades de Tuneiras do Oeste, estado do Paraná, Papanduva, localizada em Santa Catarina, Colombo, região metropolitana de Curitiba, e Cajati, interior de São Paulo.

A primeira, de uma menina, de aproximadamente 13 anos de idade, que afirmou ter perdido o pai no dia de seu aniversário. Logo após o incidente, sua mãe casou-se novamente, mas, por um motivo incerto e desconhecido pela garota, foi embora de casa, deixando-a aos cuidados do padrasto. Este, para evitar a solidão, encontrou outra companheira e a tomou por esposa, porém tal mulher não gostava de sua enteada e abusava dela, agredindo-a física e verbalmente. Por conta disso, a garota sentia-se triste e confusa, perguntando-se constantemente se existia alguém no mundo que fosse capaz de amá-la. Após todo o relato, a menina pôde ouvir sobre o real amor de Deus e refletir a respeito desse amor. Afirmando crer em Deus, admitiu viver sua fé, até então, somente na teoria, e ficou feliz em saber que poderia ter um relacionamento mais profundo com o Senhor. Por fim, recebeu a Jesus em seu coração. Meses depois, soube-se que a garota estava frequentando a igreja local e participando ativamente dos trabalhos voltados para adolescentes.

A segunda história é a de uma jovem de 16 anos, que chegou ao

aconselhamento na companhia de sua mãe. A princípio, ela aguardou do lado de fora do ônibus enquanto a mãe conversava com a voluntária. Preocupada com o comportamento rebelde da filha, a mulher pediu ajuda sobre o que deveria fazer, e perguntou se a moça não poderia dar alguns conselhos à adolescente. Convidada a entrar no ônibus para conhecer o trabalho do Projeto Vida, a voluntária começou a conversar com a garota e a demonstrar interesse em sua história de vida, o que permitiu à menina abrir o coração espontaneamente e confessar o quanto vinha agindo de maneira errada para com a mãe, por pensar ser desprezada e incompreendida. Falando acerca do amor de Deus para a garota, a voluntária alertou sobre as consequências resultantes da desobediência e da rebeldia, e encorajou-a a mudar suas atitudes. A garota concordou e, juntas, oraram pedindo a graça e o perdão de Deus para aquela situação.

Retornando à mesma cidade um ano depois, a voluntária recebeu a visita da mesma adolescente, que viera ao seu encontro expressando muita alegria, e contando que Deus a havia transformado completamente. Ressaltou a importância dos conselhos ouvidos naquele dia, e que os colocara em prática aos poucos, o que fez com que percebesse como estava errada em relação à mãe. Disse ainda que estava namorando um rapaz que amava ao Senhor, e sentia que sua mudança fora para melhor.

O terceiro caso foi relatado por um senhor, de aproximadamente 50 anos, que foi recebido por um integrante da ONG no atendimento familiar. Exalando forte cheiro de bebida, com a barba por fazer e as roupas sujas e rasgadas, contou que fora uma pessoa muito rica, mas que por causa das drogas perdera tudo o que tinha, inclusive sua casa e o contato com a família. Alegou morar sozinho em um lugar distante, e ser uma pessoa triste, solitária e sem perspectiva de futuro. Enfatizando a importância de sua vida para Deus, o voluntário disse que havia esperança e Alguém que gostaria de escrever, junto com ele, uma nova história a partir dali. Após uma oração, o senhor recebeu a Jesus em seu coração, e prometeu voltar para assistir o restante das atividades desenvolvidas pela ONG.

Cumprindo sua palavra, participou dos cultos daquele domingo na igreja local, e após o jantar de confraternização, no qual o senhor também estava presente, ele recebeu um tratamento especial por parte dos voluntários, com corte de cabelo e barba, roupas novas, doações de alimentos e uma carona para sua casa, além de uma visita pastoral agendada para a semana seguinte.

Notícias posteriores àquele dia chegaram aos ouvidos dos voluntários do Projeto Vida, contando que, meses depois dos serviços prestados à comunidade, o senhor não apenas fora internado para tratamento da dependência química, como estava trabalhando na mesma casa de recuperação, desempenhando o papel de monitor dos internos.

O último relato selecionado aconteceu em outra cidade. Após tomar conhecimento das atividades oferecidas pelo Projeto Vida, uma jovem de 30 anos veio cortar seu cabelo gratuitamente, e, durante uma conversa com a voluntária ali presente, contou que havia perdido seu marido recentemente. Encaminhada ao aconselhamento, a jovem conversou com outra integrante da ONG, e expôs sua profunda tristeza e inconformismo frente ao ocorrido. Para ela era difícil aceitar tudo o que havia acontecido, sentindo-se perdida e desamparada. A voluntária a abraçou e pediu para que fechasse os olhos e imaginasse que era Deus quem estava lhe envolvendo naquele momento, o que fez com que a moça chorasse muito e entregasse suas dores nas mãos do Senhor, encorajada pela voluntária. Por fim, a jovem aceitou Jesus e ouviu a respeito do Seu cuidado e proteção, abrindo um sorriso que expressou a satisfação de ter encontrado uma solução para seu problema.

Mais tarde, acompanhada pelo pastor e esposa da igreja local, que desenvolveram com ela um estudo bíblico permitindo, por meio da Palavra de Deus, reafirmar seus valores e encorajá-la a crescer espiritualmente, foi convidada a envolver-se nas atividades da igreja e assumir alguns ministérios. Isso possibilitou à jovem não somente concentrar sua atenção em outras coisas, como também ajudar outras mulheres que enfrentaram a perda de um ente querido.

Posterior aos atendimentos, os indivíduos que passaram pelo aconselhamento familiar foram encaminhados para um acompanhamento pastoral, sendo transferida e reiterada, aos líderes eclesiais, a responsabilidade de dar suporte e atenção às suas necessidades, em especial no que se refere ao conhecimento sobre Deus e o desenvolvimento e amadurecimento da fé.

Como descrito anteriormente, os fatos relatados, a princípio, revelavam as marcas causadas pelo sofrimento e a ausência de significado em relação à pessoa de Deus. Porém, ao depararem-se com a oportunidade de transformação, começando pela visão que tinham do Criador, encontraram forças para prosseguir, e escolheram deixar de ser vítimas dos infortúnios vividos, mas utilizá-los como um incentivo para buscar a presença do Senhor.

3. A DIDÁTICA DO SOFRIMENTO

O sofrimento não faz distinção de pessoas. Ele pode surgir sem prévio aviso, de maneira que qualquer ser humano estará suscetível às tribulações deste mundo, durante a sua existência. A Bíblia assegura que “[...] Ele faz raiar o sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos”. (Mateus 5:45, NVI).

Entretanto, contrário ao que se imagina, Deus não criou o sofrimento, nem está punindo seus filhos quando permite estes que o encarem, já que, em determinados momentos, a tragédia em vigor pode ter sido provocada por suas próprias decisões. Há ocasiões em que as calamidades impostas ao homem são fruto de suas más escolhas, oriundas do uso inadequado do livre arbítrio, dado à humanidade pelo Senhor. “Quando estava por formar o homem, o Senhor precisou decidir se lhe daria o mais precioso dom do universo - o livre arbítrio. Ele sabia que, se o fizesse, geraria a possibilidade de sofrimento físico e moral no mundo que havia criado”. (AGUIAR, 2005, p. 103).

Independentemente do contexto, no limiar das dificuldades, são levantadas as seguintes questões: “É possível um Deus infinitamente amoroso permitir o sofrimento? E é possível que haja neste sofrimento um propósito?” (PLÁCIDO, 2010, p. 15).

No caso de Jó, era ele um homem justo que não cometera nenhum pecado, mas que estava lutando para vencer os ataques feitos por Satanás, debaixo da vontade permissiva de Deus. Depois de passar pelo processo da dor e das perdas, ele pôde perceber que tais acontecimentos tiveram um significado, pois o sofrimento enfrentado por Jó serviu para acrescentar à sua vida uma experiência concreta de fé. Plácido (2010) esclarece que “a fé de Jó [...] fazia com que, mesmo nos dias mais frios e sombrios, uma chama permanecesse acesa em seu coração e mantivesse sua confiança inalterada”. (p. 35).

Foster (2004) assegura que “quando Deus prova nossa fé, somos obrigados a exercitá-la e alimentá-la, o que não faríamos sem a provação” (p. 16) e Sobrinho (2004), complementando tal pensamento, diz que “é a fé que nos faz da fraqueza tirar forças [...]”. (p. 63). A exemplo disso:

A presença auxiliadora de Deus não dispensa a pessoa de suportar o sofrimento [...], razão pela qual isso se relaciona com a fé. A interferência de Deus não acontece fora dele, mas dentro dele, tornando-o possível. As pessoas tentadas podem, pois, ter a certeza de que a “saída” do sofrimento, “que não será maior do que a capacidade de suportar”, consiste na “capacidade de suportar” dada por Deus. [...]. (GERSTENBERGER; SCHAGE,

2007, p. 167.)

A fé constitui-se no recurso utilizado pelo ser humano para reconhecer sua limitação diante das provações, e, conseqüentemente, a dependência gerada por ela na atuação e intervenção de um ser Todo Poderoso. Viabiliza, desse modo, uma aproximação da pessoa de Deus, ao ponto de encontrar nEle o socorro devido e o alívio para a angústia. “O término do sofrimento e aflição só existe, portanto, na proximidade de Deus [...]”. (GERSTENBERGER; SCHRAGE, 2007, p. 173).

As adversidades contribuem, também, para um aperfeiçoamento no caráter do indivíduo. Rodhen (s/d), afirma que Deus pode usar o sofrimento para manifestar a Sua glória na intenção de tornar o homem mais puro e convicto de sua espiritualidade, e Lewis (1986) certifica que as circunstâncias desfavoráveis tornam o homem digno do amor de um Deus Santo, retirando certas “nódoas em nosso caráter” (p. 24) a fim de que Ele tenha liberdade para relacionar-se com sua criação sem impedimentos.

Atrelada aos pesares da vida, outra lição que pode ser aprendida com o sofrimento é a identificação para com a aflição do outro. Conhecida como empatia, Stuart (2012) diz que a palavra compreende a capacidade humana de sentir a dor do próximo e desenvolver compaixão por ele. Todavia, ela só pode existir caso o indivíduo já tenha enfrentado a mesma situação, ou algo parecido.

Estando certo de que sua conduta agradava a Deus e fazia o que pensava ser correto aos Seus olhos, o rabino Harold Kushner, após mudar-se com sua família para uma congregação no subúrbio de Boston, é surpreendido pela notícia de que seu filho mais velho fora diagnosticado com uma grave doença, que o impediria de chegar à adolescência com vida. Perdendo seu filho dois dias depois que completara 14 anos, o rabino relata seu trauma pessoal em um livro, na intenção de encorajar outros que, a exemplo, passaram pelo sofrimento. “Se Deus é um Deus de justiça e não de força, ele ainda pode permanecer ao nosso lado quando coisas ruins acontecem.” (KUSHNER, 1981, p. 5).

Na interpretação de Andersen (1984), o compartilhar das dificuldades e dos fardos dos outros pode ser a resposta à pergunta acerca da finalidade do sofrimento. E quando este é aceito com paciência, pode tornar-se uma das tarefas mais nobres imputadas ao ser humano. “O sofredor pode fortalecer aos outros com seu exemplo. O metal não tem força alguma se não for temperado no fogo.” (ANDERSEN, 1984, p. 68).

A empatia desencadeada pelo sofrimento permite ao ser humano firmar uma

parceria com seu semelhante, no sentido de buscar uma possibilidade para amenizar a dor e, juntos, poderem trilhar as estradas acidentadas da vida.

E não há como falar em sofrimento sem mencionar a pessoa de Jesus Cristo. Vindo à terra, padeceu muitas dores, suportou a cruz e a humilhação pública a fim de redimir o ser humano de seus pecados e culpas. Ele deixa o exemplo de que é possível superar qualquer aflição, sabendo que os planos de Deus são perfeitos e completos:

Todos os “significados” do sofrimento apontam para Cristo. [...]. Como o Substituto de todos os pecadores, seus sofrimentos eram penais, eram o suportar da pena de morte pelo pecado. Eram, também, uma participação plena e autêntica na nossa condição humana, com amor que se deu completamente na fornalha da aflição. O fato de o próprio Senhor ter abraçado e absorvido as conseqüências imerecidas de todo o mal é a resposta final a Jó e a todos os Jós da humanidade. (ANDERSEN, 1984, p.71).

Cabe àquele que sofre, portanto, usufruir das lições que o sofrimento ensina, retirando delas a força e a coragem necessárias para prosseguir, ainda que em meio aos problemas, na certeza de que as dificuldades representam apenas uma fase da vida e, desse modo, chegarão ao fim.

4. ACONSELHANDO AQUELE QUE SOFRE

Com base nas informações obtidas durante o curso de pós-graduação em aconselhamento e gestão de pessoas, e no atendimento a pessoas que enfrentaram o sofrimento, pode-se dizer que o aconselhamento, durante o processo da dor, será de grande auxílio para a vítima do infortúnio. É um recurso empregado na tentativa de amenizar o desespero e conduzir o indivíduo a uma possível solução para sua atual condição. Age, também, no sentido de dar suporte ao outro, referente ao reconhecimento de suas necessidades emocionais e espirituais.

Para que o aconselhamento aconteça de maneira efetiva, antes de apontar ao aconselhado o caminho que, possivelmente, deverá seguir, é preciso saber ouvir. Muitos dos que procuram pelo conselheiro querem, mesmo antes de tentar entender como resolver sua situação, apenas desabafar, ser ouvidos, saber que existe alguém que se importa realmente com seus sentimentos, em um mundo que apregoa a superficialidade nos relacionamentos.

Deve-se levar em conta ainda, no aconselhamento, a individualidade de cada um. Deus criou os seres humanos de maneira única, com características distintas uns dos outros. Cada um tem o seu modo de agir, pensar, e enxergar as circunstâncias

que o cerca, por mais semelhantes que os problemas possam parecer, em muitos casos. Nem sempre as experiências que uma pessoa viveu servirão de parâmetro para se chegar a uma resposta para a dificuldade em questão, enfrentada por outro indivíduo. Portanto, cada caso deve ser ouvido com atenção e analisado pessoalmente.

Como servo de Deus, ministro da reconciliação, e portador de Sua mensagem, é preciso dar ênfase ao que deve ser o ponto de partida para aquele que tem em vista o ministério do aconselhamento: o amor. É o amor pelos que sofrem, e pelas almas desesperançadas, que vai fazer com que o conselheiro volte seus olhos para essas pessoas, independentes de quem sejam e de onde estejam. Esse amor é o que motiva a ajudar o próximo, a servir, a buscar um conhecimento maior na teoria que, somado à sua própria experiência, pode tornar-se um suporte para auxiliar o outro em sua caminhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sofrimento é um tema atual e relevante, enfrentado pela humanidade ao longo dos tempos. Neste texto, foram apontados fatos concernentes a isso, e a capacidade de alguns indivíduos de transformar a desgraça em crescimento e benefício, gerando a oportunidade de uma nova perspectiva em relação ao futuro.

Assim sendo, é possível alegar que as provações oriundas do sofrimento não são evidências de que o Senhor não se importa com os Sua criação, abandonando-a à própria sorte. Ao contrário, as tribulações devem ser encaradas como uma lembrança de que Deus está trabalhando na vida e no caráter daquele que as vivencia.

No entanto, vale ressaltar que não existem fórmulas prontas quando se trata desse assunto, uma vez que a maneira de lidar com as calamidades difere de pessoa para pessoa, sendo que nem todas irão crer na bondade de Deus, em sua Soberania e Onipotência, por causa da livre vontade de escolha. Nesse sentido, os esforços empregados a fim de ajudar àquele que sofre, tendo como premissa os propósitos divinos, serão praticamente inúteis.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. **O Enigma de Jó**. Belo Horizonte: Betânia, 2005.

ALLEN, R. B.; HOUSE, H. W.; RADMACHER, E. (eds). **O Novo Comentário Bíblico: Antigo Testamento**, com recursos adicionais. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010.

ANDERSEN, F. I. **Jó: Introdução e comentário**. 1ª edição. São Paulo: Vida Nova, 1984.

BÍBLIA Devocional da Mulher. Nova versão internacional. São Paulo: Vida, 2003.

BRÄUMER, H. **Sombras no meu caminho**. Curitiba: Evangélica Esperança, 1999.

FOSTER, J. **Paz interior em tempos de crise**. Belo Horizonte: Betânia, 2004.

GERSTENBERGER, E. S.; SCHRAGE, W. **Por que sofrer?** O sofrimento na perspectiva bíblica. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

KUSHNER, H. S. **Quando coisas ruins acontecem a pessoas boas**. São Paulo: Fundo Educativo Brasileiro, 1981.

LEWIS, C. S. **O problema do sofrimento**. 2ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1986.

MATOS, A. S. de. Raízes históricas da teologia da prosperidade. *In: Revista Ultimato*, ed. 313, jul-ago 2008. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br>>. Acesso em: 18/08/2015.

MESQUITA, A. N. de. **Estudo no livro de Jó: Uma interpretação do sofrimento humano**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1979.

PETERSON, E. H. **A Mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea**. São Paulo: Vida, 2011.

PLÁCIDO, S. **O propósito do sofrimento**. São Paulo: Oxigênios Book, 2010.

SOBRINHO, J. F. **Aconselhamento cristão em tempos de crise**. Rio de Janeiro: União Feminina Missionária Batista do Brasil, 2004.

SOUZA, R. B. de. **O caminho do coração: Ensaios sobre a trindade e a espiritualidade cristã**. Curitiba: Encontro, 2002.

STUART, A. Empatia é a capacidade que possuímos de entender a emoção do outro. *IN: ACESSA. Com – saúde - psicologia*. Janeiro de 2012. Disponível em: <<http://www.acesa.com>>. Acesso em: 31/08/2015.

RODHEN, H. **Porque sofremos?** O sofrimento humano à luz da biologia, da filosofia e

do evangelho. São Paulo: União Cultural Editora, [19--?] .

ROSA, J. **Por que Jó?** São Paulo: Editora Quadrangular, 1996.

YANCEY, P. **Decepcionado com Deus.** São Paulo: Mundo Cristão, 1988. YANCEY, P. **Deus sabe que sofremos.** São Paulo: Editora Vida, 1977.